GIL VICENTE MOEDEIRO

POR AGOSTINHO FERREIRA GAMBETTA

Para escrever os «Ceitis de D. Afonso», fomos levados a uma série de trabalhos entre os quais avultam as biografias dos moedeiros. Uma das interessantes é precisamente a que trata de Gil Vicente.

Muito se tem escrito sobre aquela figura nacional e será quase impossível vir com alguma novidade. O biógrafo máximo foi Braamcamp



Gil Vicente — reprodução do Almanaque do Diário de Noticias — 1962

Freire que apresentou um trabalho sobre Gil Vicente, de 636 páginas, na edição póstuma de 1944.

Anselmo Braamcamp Freire não era porém numismata e assim passou-lhe despercebida uma feição do artista, nata sim e consumada na Moeda pelo exercício da profissão de mestre ou juiz da balança. Tal exercício de moedeiro, depois de ter sido ourives, o que sucedera a muitos e só terminou com o «Regimento de D. Pedro II», de 1686, deram num «alentejano», o trovador.

O ourives tem a tradição da fidelidade, só prejudicada pela do negociante. Em regra, para ser mestre da balança na Casa da Moeda, era preciso ser ourives. Tal regra só não se verificava quando havia uma promoção e então sucedia um escrivão ser nomeado mestre da balança, com mantimento ordenado inferior, porque tinha outras achegas muito superiores com o novo emprego.

Foi o que sucedeu por exemplo com Bastião Rodrigues que depois de se celebrizar na Índia e em Ormuz, com Afonso de Albuquerque, veio servir a Casa da Moeda de Lisboa, como escrivão, na vaga de Diogo Aires que partira para o Oriente como feitor da China; «subiu» a mestre da balança na mesma Casa, sendo igualmente notável em todos os ofícios. Voltou ao mar e de aqui novamente à Moeda de Lisboa.

Este foi um caso de excepção, como dissemos; Bastião Rodrigues era excepção em tudo. A regra era: ourives ali da Rua dos Espingardeiros, hoje Rua do Ouro, depois de ter sido Rua da Ourivesaria, etc., sendo artista de valor, trabalhava para a Casa Real ou algum dos seus Príncipes. De aí ia direitinho para a Casa da Moeda de Lisboa: fundidor, afinador, ensaiador, salvador, aperfeiçoador, mestre da balança, abridor de cunhos e até balanceiro.

Não consta que Gil Vicente tivesse navegado como tantos moedeiros seus contemporâneos; esteve no entanto por pouco, como veremos.

Muito se debateu a unicidade ou duplicidade, um ou dois de nome Gil Vicente. A bondade de Braamcamp Freire teve que bater-se com a malícia de Teófilo Braga; hoje não há possibilidade de desdobramento.

Inversamente, dois contemporâneos de Gil Vicente, ambos ourives, ambos serviram D. Isabel, cada um a sua, ambos moedeiros e cada um deles de nome Diogo Rodrigues, foram contemporâneos um do outro na Moeda. Têm andado confundidos em um único personagem, não obstante a maior parte dos documentos revelarem o cuidado incessante de os distinguir, quando se referem a um deles.

Com Gil Vicente nunca houve qualquer desdobramento real, que não podia haver; todos os que surgiram na imaginação dos que duvidaram da

9

verdade são virtuais e filiados em conjecturas com fundamentos de inexactidão, há muito demonstrada. Aquilo porém não é a tese deste preâmbulo mas o moedeiro e, como já nos alongámos, vamos à história.

Vasco Vicente, moedeiro de Lisboa, era rendeiro de terrenos da coroa em 1458-1459 (1).

«Nasceu», Gil Vicente cerca de 1460 (2) e cerca de Beja. O número vai com uma aproximação de ± 8 anos e a data é boa pela dedução dos melhores biógrafos. Beja é atrevimento nosso, Beja ou arredores. Pode não ter nascido ali mas se nasceu em Guimarães, cerca de Viseu ou outro lugar da Beira, teria vindo muito novo para Beja.

A origem de Guimarães não tem fundamento probatório, a de Beja também não. Diz Gil Vicente no «Auto da Lusitânia»:

«pampilhos nam fazem sorte. e todo o al he grosseyro, nam presuma o sovereyro de dar tamaras doçares. Gil Vicente o autor ******************************** Creo que he da Pederneyra, neto dum tamborileuro, sua mãy era parteyra e seu pay era albardeyro. E per razam elle foy ja tecelam destas mantas Dalentejo o tecelam das aranhas. a trovar e escrever as Portuguesas façanhas» (3).

⁽¹⁾ Sousa Viterbo, 2-XIX.

^{(2) 16 - 539.}

^{(3) 16 -- 285.}

⁽Ver explicação a página 36 referente às notas de pé).

Se não brincava, era de Nazaré (Pederneira) e foi muito novo para o Alentejo (campos de Beja).

Conhecia de tal modo o Alentejo e a Beira que só grandes permanências justificam. Seu carácter porém era de Alentejano e o convívio com a Rainha D. Leonor e seu irmão D. Manuel, Duque de Beja, dão a preferência ao Alentejo. Virá daí a amizade com Garcia de Resende, André Pires e outros que Gil Vicente cita, poupando-os aos seus motejos, que estes, os amigos de poupar, são raros.

Seus pais eram necessàriamente gente humilde pois as mercês mais importantes que lhe foram concedidas nunca referem pai ou mãe e nas cartas



régias tal citação era obrigatória quando o pai ou a mãe era «alguém» e a mercê de categoria.

Por esta época (1471) fora aposentado o moedeiro Lopo Gil (1), cujo parentesco com Gil Vicente é de admitir. O tesoureiro da Moeda era Rui Moniz (1472-1480), pai do tesoureiro seu sucessor García Moniz, tristemente celebrado mais tarde por Gil Vicente (2).

No ano de 1480, herda aquele lugar o fidalgo da Casa Real Garcia Moniz, acumulando com o ofício de alcaide da mesma Moeda; casou ele por esta altura e teve por isso um alvará de D. Afonso V para receber 1400 dobras (moeda de conta) (2). O tesouro não tinha fundos e pouco depois morreu o Rei.

D. João II tomou o reino em dia de Santo Agostinho: 1481 Agosto 28. Seu primeiro cuidado foi compor as finanças, embora com algumas violências. Em 1485 mandou endireitar os escudos derribados nas moedas (3); por essa época casou Gil Vicente com Branca Bezerra (4).

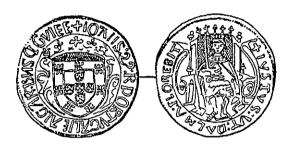
⁽¹⁾ Sousa Viterbo, 2-XVII.

^{(2) 16 — 119.}

⁽³⁾ 6 — 132.

^{(4) 16 — 539.}

Nesse mesmo ano de 85 revoltaram-se os moedeiros e D. João II satisfez suas petições (1). Em 1487 são os mesmos moedeiros autorizados a andar armados (1), privilégio que se tornou obrigatório bem como o de



andar a cavalo; assim os moedeiros viraram cavaleiros. Tal privilégio desceu depois até ao carvoeiro da Casa da Moeda, contratado (1).

Muitos moedeiros já eram porém cavaleiros, antes de servirem a Casa e alguns eram cavaleiros-fidalgos (1).

Em 1493 havia espadins de ouro em circulação pois Raby Abraham, estrolico (Zacuto), recebeu dez deles, em pagamento de seus serviços (2), mal pensando então que os judeus iriam pròximamente ser expulsos de Portugal, não obstante a oposição do País a tal medida, na qual oposição tomou



papel de relevo o ourives Gil Vicente, herdeiro da arte dos judeus e seu discipulo.

Pouco depois (1495) morria o Rei e sucedia D. Manuel que protegeu Gil Vicente, já por ser seu amigo desde Beja, já pela influência da Rainha D. Leonor, viúva de D. João II e irmã de D. Manuel I (3).

Este último mandou ao tesoureiro da Moeda, Garcia Moniz, que



⁽¹⁾ 1 - I, II.

⁽²⁾ 3 — 86.

^{(3) 17 — 14.}

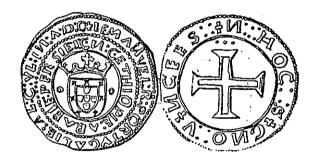
fizesse alardo (recenseamento) de todos os moedeiros ordenados por D. João II, escolhendo para serviço apenas 104 (1). Projectava-se uma grande reforma da Moeda, precedida duma reforma de pesos já tentada por D. João II (2).

No ano de 1497 o ourives da Rainha D. Isabel, Diogo Rodrigues, era



nomeado para abridor de cunhos da Casa da Moeda de Lisboa (3). Nada terá ele com Gil Vicente, supomos, contràriamente a um outro Diogo Rodrigues que entrará em cena mais adiante, de certeza, outro.

No mesmo ano de 97 teve lugar o primeiro episódio da nossa India, a partida do Gama. Em 98 saía o novo Regimento da Casa da Moeda assi-



nado pelo Rei (4). No mesmo ano morria a Rainha D. Isabel, patroa do primeiro Diogo Rodrigues, acima citado, a qual senhora era esposa do Rei e viúva de D. Afonso, filho legítimo de D. João II (5).

⁽¹⁾ 1-I.

⁽²⁾ 6 — 165.

⁽³⁾ J. Pessanha. 2-V-165.

 $^{(4) \}quad 1 \longrightarrow I.$

^{(5) 27 —} I — 196.

O cruzado valia 380 réis; em 1499 passou a valer 390 e em 1517 passou a valer 400 réis (1), mantendo-se assim até 1688.

Em 1501 era nomeado Fernão Lourenço para feitor e tesoureiro dos tratos da Guiné, da Mina de Sofala, das Índias e outras descobertas. A respectiva carta de D. Manuel I foi feita pelo escrivão André Pires (2), mais tarde alcaide da Moeda e grande amigo de Gil Vicente. Tal documento tem sido tomado por criador da Casa da Índia (2).

O novo «Regimento dos Pesos» saía em 1502 (3) e em Lisboa a 1502 Junho 6, segunda-feira, às duas horas da madrugada nascia o Príncipe D. João, da Rainha D. Maria, 2.ª mulher de D. Manuel I (4).

No dia seguinte, D. Maria no leito com o futuro Rei seu filho; presentes o Rei, sua irmã a Rainha D. Leonor, viúva, sua mãe a Infanta



D. Beatriz, e ainda sua irmã a Duquesa de Bragança, e mais pessoas; abriu-se uma porta e entrou Gil Vicente vestido de vaqueiro a recitar o seu conhecido auto. No fim entraram uns 30 pastores com ofertas de queijadas, ovos e queijos para o Príncipe. D. Leonor, patroa de Gil Vicente, gostou imenso da novidade. Isto passou-se no Paço da Alcáçova, futura morada de Gil Vicente (5).

Em 1502 Julho 12, chegava Vasco da Gama a Quilôa, no regresso da sua segunda viagem à Índia, e assombrou a cidade, entrando com terror, usando fogo e trovão de artilharia. «Finalmente o Almirante lhe deu uma

⁽¹⁾ 7 - 129.

^{(2) 11 —} II.

⁽³⁾ 6 — 166.

^{(4) 16 - 61, 539.}

^{(5) 16 -- 61, 539.}

carta de el-rei dom Manuel, sobre ela tratou com êle que se fizesse seu vassalo para ficar em sua amizade e debaixo de sua protecção, com tributo de quinhentos (sic) miticais de ouro, peso que amoedado podiam ser da nossa moeda, quinhentos oitenta e quatro cruzados, isto mais em sinal de obediência que por a quantidade dêle (1).

As contas de Barros estão erradas em todas as hipóteses e se ele não errou nos 500 miticais, chegaram cá 1500 daquela proveniência. Teria talvez havido outras conquistas de ouro e outras proveniências do ouro que Vasco da Gama entregou à chegada.

Teve ele lugar em 1503 e vieram nos cofres da nau os 1500 miticais de ouro dos páreas extorquidos desumanamente ao régulo de Quilôa. D. Manuel fez logo entrega do ouro a Gil Vicente, cerca de 30 marcos que é quanto terá a custódia (2).

«E, como neste tempo (1503 Outubro 10) el-rei estava em Lisboa, quando foi a êle (Vasco da Gama) levou as páreas, que houvera de el-rei de Quilôa, as quais com grande solenidade a cavalo levava em um grande bacio de prata,... Das quais páreas el-rei mandou fazer uma custódia de ouro, tão rica na obra como no peso, e como... ofereceu a Nossa Senhora de Belem» (3).

No mesmo ano de 1503 nascia a Infanta D. Isabel, filha de D. Manuel I.

A partir de 1504 teve Vasco da Gama uma renda anual de 400\$000, transmissível aos descendentes directos masculinos, devido a ter imposto ao Rei de Quilôa o tributo anual de 1500 mitigais de ouro à ida, e ter cobrado à volta o primeiro ano, na sua segunda viagem. Com aquele ouro fez Gil Vicente a custódia dos Jerónimos, hoje nas Janelas Verdes, datada de 1506 (4).

Cerca de 1504-1505 nasceu Belchior Vicente, filho de Gil (5).

D. Manuel Caetano de Sousa atribuiu a data de 1505-1506 ao célebre cálix de Mestre João e à célebre custódia de Gil Vicente, ambos feitos com o primeiro ouro dos páreas de Quilôa (6). Se assim é, os páreas não

^{(1) 27 —} I — 213.

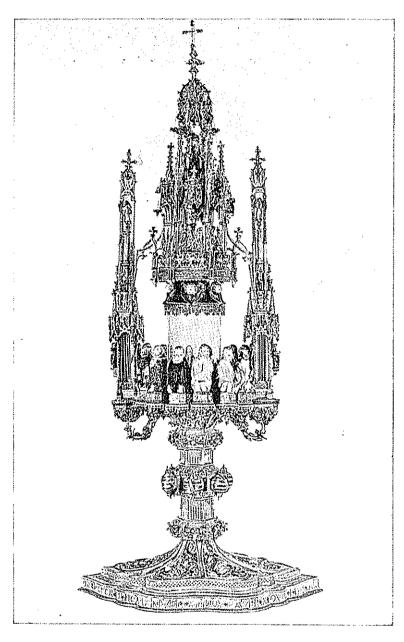
⁽²⁾ 16 - 67.

⁽³⁾ 27 — I — 251.

^{(4) 7-183} e 16-110.

^{(5) 16 — 540.}

⁽⁶⁾ J. Pessanha, 2-V-100, 131.



Custódia dos Jerónimos



somavam 500 miticais, nem 1500 mas talvez 3000 que é quanto pesariam os dois objectos e o estudo do estilo e motivos das duas jóias prova que os artistas são os mesmos.

Como além disso Mestre João fora ourives da Rainha D. Leonor e lhe sucedeu Gil Vicente, pode admitir-se que aquele foi mestre deste. Gil Vicente teria ajudado no fabrico do cálice e Mestre João teria pelo menos guiado ao primeiro na custódia. Caetano de Sousa não pôde concluir o seu trabalho pelo que há que admitir que tenha tirado conclusões um pouco diferentes das nossas.

Lê-se na custódia:

=+O - MVITO - ALTO - PRĪCIPE x E x PODEROSO x SĒHOR x REI x DŌ x MANVEL x I. = A x MDOV x FAZER x DO x OVRO x I x DAS x PARIAS x DE x QUILVA x AQVABOV x E x MCCCCCVI.

Tem ela (como o cálice) os doze apóstolos (1).

Gil Vicente lavrou ainda uma grande cruz que D. Manuel I legou igualmente a «Santa Maria de Belém». Fez diversos trabalhos para a Rainha D. Leonor e alguns cálices.

No mesmo ano de 1506 já a Moeda não estava a S. Martinho, mas no cruzamento virtual da Rua do Arco da Bandeira (2) com a Rua de S. Julião. Sucessivas obras e ampliações levaram o edifício até ao 52 da Rua do Ouro onde hoje está o «Piombino», nas traseiras do futuro Paço da Ribeira. Em 506 teve a Moeda novo «Regimento» de D. Manuel I (3).

Ainda no mesmo ano de 1506 recuperou Tristão da Cunha a sua vista e partiu para a Índia, comandando a armada desse ano. Nela iam Afonso de Albuquerque e Gaspar Vicente que com aquele serviu e era o filho mais velho de Gil Vicente (4).

Cerca de 1507-1509 houve grande disputa entre fundidores e ensaiadores na Moeda, por causa dos toques, ensaios e títulos das ligas. Houve

^{(1) 19 — 109} a 111.

⁽²⁾ Ao tempo Rua dos Odreiros e mais tarde, dos Sapateiros.

⁽³⁾ 5 - 1 - 58.

⁽⁴⁾ 20 - 8 - 271 e 16 - 540.

roubos, inquéritos e prisões (1). Gil Vicente não foi alheio ao julgamento como perito e apurou-se que o verdadeiro responsável era o tesoureiro Garcia Moniz.

No mesmo ano de 1509 foi Gil Vicente nomeado vedor e executor de todas as obras de ouro e prata para o Hospital de Todos-os-Santos, Mosteiro de Belém e Mosteiro de Tomar. No respectivo alvará feito pelo grande amigo de Gil Vicente, André Pires, o Rei nomeara o artista como ourives da Rainha minha irmãa. A oficina de Gil era na Rua de Jerusalém, frente aos Paços de D. Leonor, metade do L.º dos Lóios (2).

Em 1510 os oficiais da Casa da Índia remetiam um colar ao Rei



D. Manuel, que viera do Oriente. Segundo Mestre João, ourives de D. Leonor, e Diogo Rodrigues futuro sucessor de Gil Vicente na Casa da Moeda, o colar valia 500 cruzados. A notícia fala de Gil como autor da famosa e singular custódia de Belém (3).

A corte passou no ano seguinte de 11, dos Paços de Alcáçova para os Paços da Ribeira, ainda em obras (4); D. Leonor ainda era viva e Gil Vicente foi morar para os Paços velhos, cerca de 1511 a 1525 (4). Porém teve ele Casas na Moeda, de 1512 a 1517, e assim só em 1517 teria passado aos Paços da Alcáçova.

Chegámos a 1512, ano em que Gil Vicente entrou para a Casa da Moeda de Lisboa, se é que não vinha já servindo em anos anteriores, sem alvará e para substituir interinamente Fernão Gil, mestre da balança e talvez seu próximo parente.

⁽¹⁾ Sousa Viterbo, 2 — XVIII.

^{(2) 16 — 77} e 517.

⁽³⁾ J. Pessanha, 2 - V - 72.

^{(4) 16 --- 542.}

Logo de seguida, ao serviço da Casa e em Abril 9, representava o «Velho da horta» dizendo:

«Oo sam Gracia Moniz, tu que hoje em dia fazes milagres dobrados!»

Garcia Moniz era o fidalgo, tesoureiro da Casa da Moeda de Lisboa e teria mais de 60 anos de idade (1).

No fim do ano era Gil eleito para a Casa dos Vinte e Quatro, pela bandeira dos ourives; depois era procurador na Câmara, tinha portanto mais de 40 anos de idade e era casado (2).

Em 1512-13 ainda o filho Gaspar servia na Índia, com Afonso de Albuquerque que o mandava como escrivão duma embaixada ao Sabaio (governador de Goa), em 12. Nos princípios de 13 estava a missão cumprida e Albuquerque mandava pagar aos embaixadores (3).

O mantimento ordenado (vencimento) anual dos mestres da balança da Moeda de Lisboa era de 15\$000 réis; no entanto Gil Vicente entrou logo com 20\$000 réis, mediante alvará que desapareceu, ou sem ele. O colega em exercício João Martins, que chegou a servir de tesoureiro, reclamou e foi atendido por carta de Évora de 1513 Janeiro 28 (4).

Copiou aquele documento na Moeda João Rodrigues, cuja história também é muito curiosa; era escrivão. Concertaram o documento com aquele, Bastião Rodrigues e Pedro Homem que vieram a ser mestres da balança. Bastião notabilizara-se na Índia e em Ormuz, com Albuquerque.

Tendo saído Afonso de Albuquerque para a conquista de Malaca, (em 1511) vieram os Mouros atacar Goa. Na defesa distinguiram-se entre os cavaleiros..., «o Adail Diogo Fernandes, Bastião Rodrigues, que depois foi Juiz da Balança da Moeda de Lisboa,... e Francisco de Madureira, filho de Antão Diaz do chafariz de Arroios,... que per todo fariam número de té quarenta de cavalo,...; e foi tanta a matança neles nesta fugida, que alguns que escaparam foi por serem tantos, e os nossos tão poucos» (5).

Em 1513 Fevereiro 13 saíra a carta régia que nomeava Gil Vicente

^{(1) 16 — 84.}

^{(2) 16 - 101.}

^{(3) 16 - 542.}

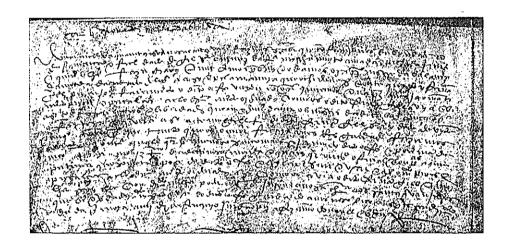
^{(4) 1 —} I — 42.

^{(5) 27 —} III — 296.

para mestre da balança da Casa da Moeda de Lisboa, com os seus 20\$000 réis de mantimento ordenado anual. Falecera Fernão Gil, mestre da balança, que deixava um filho Miguel de menor idade. Quando este atingisse 25 anos teria Gil Vicente que entregar-lhe o lugar. Ao alto desta carta que falta nos «Apontamentos» lê-se:

«gil vicente trouador mestre da balãça» (1).

em letra que não parece do escrivão da carta, Jordão Pires, mas é da época sem dúvida. Parece que nenhum dos do Tombo tinha aquela letra. O assento



será pois dum contemporâneo, ou Garcia de Resende ou André Pires que qualquer deles estava em Évora, com o Rei, em 1513, e ambos eram amigos de Gil Vicente, desde rapazes. Além disso aqueles dois eram dos poucos escrivães da época que em duas palavras não metiam três erros de ortografia, coisa que não era mal vista na época mas até exigida por alguns mestres: quando não souberes escrever uma palavra, escreve-a de todos os modos possíveis; quem quiser que escolha.

A forma da sucessão: Fernão Gil — Gil Vicente — Miguel Gil ou Miguel Vicente, só pode explicar-se pelo parentesco: Gil não era filho de Fernão mas quase certo é ter sido seu sobrinho.

⁽¹⁾ 16 - 517.

No mesmo ano, Outubro 6, reuniu a vereação camarária e Gil Vicente tomou parte na sessão (1). E depois, Dezembro 4, escrevia Afonso de Albuquerque a D. Manuel I: «...Goa, pois que o Sabaio queria pazes: e mandei com Diogo Fernandes e João Navarro o filho de Gil Vicente, e dei-lhes cavagalduras e vestidos, suas despesas.» Tratava-se de Gaspar Vicente, já citado como filho do mestre da balança (2).

Em 1514 estava para casar Filipa Borges, irmã de Gil Vicente, pelo que este obtinha uma ajuda de 20\$000 réis para tal casamento (3). Aquela importância era igual ao vencimento de mestre da balança, de um ano e só foi recebida no ano seguinte.

Cerca do mesmo ano enviuvou Gil Vicente de Branca Bezerra. Estava porém para casar com Melicia Rodrigues cerca de 1516, talvez irmã de Afonso Rodrigues e de Diogo Rodrigues, ourives da Infanta D. Isabel. Daquele segundo casamento nasceram Paula Vicente, cerca de 1519, e Luís Vicente cerca de 1520, os dois filhos compiladores das obras do pai, para publicação que teve lugar em 1562 (4).

Voltando atrás ao ano de 1515, acha-se notícia de Diogo Rodrigues, ourives de Lisboa, ter sido autor de duas bacias douradas e um gomil, entregues a *Fruytos de Goês*, irmão do cronista de D. Manuel (5). Tem que ser o ourives da Infanta, ainda não funcionário da Moeda, pois o outro era nela abridor de cunhos desde 1497.

Ainda em 15, Setembro 25, assinou Gil Vicente o recibo dos 20\$000 réis acima citados. Usa ele (mestre da balança) assim:

«gill vicemte mestre da balança diguo que he verdade...» (6).

No ano seguinte, uma carta régia manda aos vereadores que estudem uns apontamentos com Gil Vicente, mestre da balança (7).

Seguidamente, Garcia Moniz tesoureiro da Casa da Moeda, recebe ordem régia para receber todo o ouro que ali fosse para lavrar e marcar (8). Terá sido um dos últimos actos de tesoureiro do fidalgo porque dias depois

⁽¹⁾ 16 - 101.

^{(2) 16 - 542} e 18 - 160.

⁽³⁾ 16 - 109.

^{(4) 16 — 543} e 556.

⁽⁵⁾ 20-25-917.

^{(6) 16-519.}

⁽⁷⁾ 16 — 520.

^{(8) 11 —} I — 5.

representou-se no Paço da Ribeira o «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente. Neste auto o enforcado (alma) fala de Garcia Moniz, tesoureiro da Moeda de Lisboa, dando a entender que ele furtava e merecia a forca (1):

«Venhais embora, enforcado. que diz lá Gracia Moniz? Eu vos direy que elle diz que fuy bem aventurado; que pollos furtos que eu fiz, sou sancto canonizado; pois morri dependurado, como o tordo na buiz.

Entra ca, e remarás atee ás portas do inferno.

Nã he essa a nao que eu govérno.

Entra, que inda caberas

Pesar de sam Barrabas!

se Garcia Moniz diz
que os que morrem como eu fiz,
sam livres de Satanás!» (2)

Embora perdoados e com os privilégios, foram os dois para a rua, Gil Vicente, ourives, moedeiro, mestre e juiz da balança e autor do auto, bem como Garcia Moniz, fidalgo da Casa Real, moedeiro, tesoureiro e feitor da Casa da Moeda de Lisboa. Foram sem prejuízo, claro.

No princípio do ano seguinte de 1517, teria casado Gil Vicente com Melícia Rodrigues. Estava na boda o filho do primeiro matrimónio Belchior Vicente, pequeno ainda. O mais velho Gaspar Vicente ainda se conservava na Índia, de onde só regressaria em 1518 (3).

Gil Vicente saíu da Moeda no princípio de 1517 mas continuou a dispor do oficio para venda. Quer dizer que o Miguel de que antes se falou ainda não teria os seus 25 anos, para suceder no oficio de mestre da balança.

Surgem então dois novos personagens na Moeda; um Afonso Rodrigues sob o qual pesava uma grave acusação mas que gozando do favor régio e da confiança de Gil Vicente, serviu por ele na Moeda, durante mais de

^{(1) 16 — 117} e 544.

⁽²⁾ Gil Vicente - Auto da Barca do Inferno - Representado em 1516. 16-118.

^{(3) 16-189.}

meio ano. O outro, Rui Leite, fidalgo da Casa Real e tesoureiro do Rei era quem pagava na Moeda, a Afonso Rodrigues, o vencimento de Gil Vicente (1).

Estava D. Manuel I em Penha Longa, na serra de Sintra e ditou seu testamento onde se lê (1517 Abril 7):

«Iteem mando que se dee ao moesteiro de nosa senora de beleem A custodia que ffez gil vicemte pera a dita casa E a cruz grande que estaa em meu tysouro que fez o dito gill vicemte...» (2).

Da mesma época surgem uns apontamentos para El Rei ver, em que Afonso Rodrigues que regressara de Santa Cruz de Cabo de Gué (3) (Agadir) onde fora feitor, é acusado em Lisboa, de ter ficado com lucros ilegítimos, errando a escrita a seu favor. Perdeu o lugar mas logo se reabilitou e foi readmitido. Morreu porém antes de partir, na viagem, ou mal chegou a Santa Cruz.

Efectivamente Afonso Rodrigues que estava servindo de mestre da balança na Casa da Moeda, por Gil Vicente, cedeu o lugar a Diogo Rodrigues, ourives da Infanta D. Isabel, a fim de ir recuperar o seu lugar de feitor em Santa Cruz de Cabo de Gué; morreu porém antes do fim do ano (4).

Rui Leite que vinha servindo de tesoureiro da Moeda e sucedera a Garcia Moniz, foi em Junho nomeado definitivamente para o lugar (5).

Em Agosto renunciou Gil Vicente ao lugar de mestre da balança, vendendo o ofício a Diogo Rodrigues que por sua vez o tomou de Afonso Rodrigues que apenas servia por Gil Vicente (6). A curiosidade destas transmissões está nos parentescos das pessoas pelo que se pode julgar que Melicia Rodrigues, 2.ª mulher de Gil Vicente, Afonso Rodrigues, ourives, cavaleiro e feitor de Santa Cruz e Diogo Rodrigues, ourives da Infanta e mestre da balança, seriam irmãos, facto que não era costume referir nas cartas régias e alvarás, quando se verificava.

^{(1) 16 - 324.}

^{(2) 16 -- 70.}

⁽³⁾ Provàvelmente Guè.

⁽⁴⁾ 8 — 313.

^{(5) 16 — 119.}

⁽⁶⁾ J. Pessanha, 2 — V — 165. Este autor confunde os dois D. Rodrigues; 16-122, 520.

Miguel Gil (?), filho de Fernão Gil, antecessor de Gil Vicente ainda era vivo e não tinha os 25 anos da maior idade do «Regimento», como se vê na carta de 1517 Agosto 6 que nomeia Diogo Rodrigues (1). Da mesma carta e outros documentos referentes à transmissão se conclui o necessário parentesco entre Gil e Miguel pois Gil não poderia ocupar um lugar que por direito pertencia ao Miguel, nem vendê-lo, sem que fosse por exemplo seu tio e tutor.

Afonso Rodrigues, livre das culpas e da situação na Moeda é então nomeado novamente para feitor da «nosa villa de santa cruz do cabo de guee, devido aos seus serviços prestados» (2). Morreu antes de recomeçar o serviço como antes dissemos.

Examinando a folha de vencimentos da Casa da Moeda, do ano de 1517, vê-se que Gil Vicente é tido como seu empregado mas não serviu. No quarto trimestre do ano já o mantimento ordenado de mestre da balança é pago adiantado a Diogo Rodrigues. Estava porém ele impedido ainda no serviço da Infanta pelo que foi autorizado pelo Rei irmão dela a ceder o ofício a João Martins que já era mestre da balança, ou outro. O alvará respectivo foi feito por André Pires, já nosso conhecido (3).

Por esta época um carpinteiro e pedreiro de nome Pedro Vicente que até aí trabalhara nas obras da Moeda, naqueles oficios e por vezes de fornaceiro, passava a capataz de uma das cinco fornaças anuais de prata, lugar que só se obtinha mediante exame na Moeda e juramento dos oficiais da mesma quanto à aptidão do examinado.

Julgamos ser aquele Pedro Vicente próximo parente de Gil e facto curioso, veio a falecer pela mesma época, talvez no mesmo ano.

Começam a aparecer de aqui em diante, ano de 1517, os contratos dos carvoeiros da Casa da Moeda para o fornecimento a ela de carvão de sobro, cepa, torga e caminheira (3). Colhe-se a impressão de ser esta, a caminheira, uma planta. No entanto Tavares da Silva no seu «Esboço dum Vocabulário Agrícola» diz-nos: «Caminheiras — Medas de lenha que se fazem nos terrenos limpos de matos, para serem queimadas antes da sementeira. Esta notícia é 'de excelente lógica porém, diz-nos H. L. de Mendonça (4): «Vinha esta santa imagem vestida de caminho com seu bohemio,

⁽¹⁾ J. Pessanha, 2-iV-165. Este autor confunde os dois D. Rodrigues; 16-122, 520.

⁽²⁾ 8 — 314.

^{(3) 1—}II.

^{(4) 2 -} XXVIII - 74.

ou capote nos hombros de brocado de cores... e um chapeo de setim avelutado de ouro». Gil Vicente também fala:

«planta neste valle posta pera dar celestes flores olorosas, e pera serdes tresposta em a alta costa onde se criam primores mais que rosas; planta sois e caminheira, que ainda que estais, vos is donde viestes.

Vossa patria verdadeira he ser herdeira da glória que conseguis: andae prestes» (1).

Podem ser simples coincidências mas assim mesmo, de curioso sabor. Isto quanto à caminheira; quanto a coisas da Moeda, dinheiro, e carvão da mesma Moeda:

> «E que lhe nam refundais o dinheyro que elle tem, mas nelle forgeis tam bem, que apanhe muyto mais e nam dee nada a ninguem.

> > o Marichal.

assi daquela feyçam, ydade e desposiçam, assi nobre e liberal, e gaste-se todo o carvam» (2).

Vamos ainda no ano de 1517 cujo mapa dos vencimentos pagos refere os dois Diogo Rodrigues, sem frisar a distinção, porém, um mestre da balança

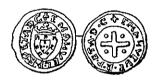
⁽¹⁾ 22 - II - 4.

⁽²⁾ 16 - 188.

e outro, abridor de cunhos, guarda de fornaça e ensaiador, oficios estes três incompatíveis com o de mestre da balança (1).

Todos os homens que figuram naquele mapa de moedeiros se celebrizaram fora da Moeda, em outros ofícios, desde o porteiro, o ferreiro e o amolador, ao alcaide que no mapa não figura (André Pires recebia pela Fazenda), ao tesoureiro e ao vedor que nele figuram e nos seguintes.

Gil Vicente não volta à Casa da Moeda como moedeiro. Ele não esqueceu no entanto, no resto da sua vida que tinha sido moedeiro e mestre da balança como vamos ver. O seu colega João Martins que já citamos, foi de mestre da balança a tesoureiro substituto em 1518, por ausência legítima



do tesoureiro Rui Leite, dono do lugar e membro duma familia de fidalgostesoureiros.

Cerca de 1519 nasceu a filha Paula Vicente e cerca de 1520 o filho Luís Vicente. O pai dedicava-se quase exclusivamente ao seu teatro, poesias e outras artes, no que se ocupou até à hora da morte que o surpreendeu no trabalho de compilação de todas as suas obras, trabalho este completado por aqueles seus dois cultos filhos e publicado em 1562 (2).

Ainda em 1520 estava Gil Vicente ocupado na direcção, organização e montagem cénica dos festejos da próxima entrada da Rainha D. Leonor, 3.ª mulher de D. Manuel I, e que fora noiva de seu filho o futuro Rei D. João III. Gil Vicente habitava os Pacos da Alcácova (3).

Por este tempo já André Pires era alcaide e guarda-mor da Casa da Moeda de Lisboa e iria dedicar o melhor do seu tempo aos assuntos gráficos da marinharia dos descobrimentos, por ser grande calígrafo e desenhador. Porque era escrivão copiou assuntos científicos, de originais que em parte se perderam e sem ele se não conheceriam (4).

⁽¹⁾ 1 - III - 17.

^{(2) 16 -- 189.}

^{(3) 16 — 521, 546.}

^{(4) 3 -- 125,} etc.

Por alvará de 1521 Janeiro 10 era dispensado das tarefas de ouvidor da Moeda; o alcaide era juiz dos moedeiros, cível e criminal. Foi autorizado a nomear substituto no cargo de ouvidor, para poder melhor dedicar-se aos trabalhos da marinharia e roteiros (1).

A corte estava em Évora e no dia 20 ou 21, estando pronta a cidade de Lisboa da obra de Gil Vicente, aqui se dirige a mesma corte, entrando



triunfalmente o Rei e sua Rainha. Pormenor do cortejo na comédia das Cortes de Júpiter:

> «Os da Moeda yram tornados em garoupas de Guinee, das moreas espantados, perguntando aos pescados cada hum que peyxe he» (2).

Segundo o Prof. Marques Braga, os empregados da Casa da Moeda irão metamorfoseados (3).

Mal sabiam os soberanos quão pouco duraria o seu júbilo. Em Dezembro, dia 4, adoeceu o Rei, no dia 7 já não pôde assinar um alvará; no dia 11 ditou um codícilo do testamento, a António Carneiro, seu secretário.

Em 1521 Dezembro 13, dia de Santa Luzia, morreu D. Manuel I nos Paços da Ribeira, vítima daquela peste de que fugira insistentemente, durante o seu reinado (4):

⁽¹⁾ 1 - II.

⁽²⁾ 16 - 142.

^{(3) 22 —} IV — 237.

^{(4) 16 — 150.}

«Pranto fazem em Lisboa, dia de Santa Luzia por El-rei Dom Manuel que se finou nesse dia.

os Iffantes davam gritos, a Iffanta se carpia; seus cabelos, fios d'ouro, arrincava e destruia; seus olhos maravilhosos fontes d'agua parecia» (1).

No dia 17 houve a quebra dos escudos e entrou curioso na cidade, para iniciar a sua aventura, Fernão Mendes Pinto; se não mentes eu não minto (2).

D. João III devia ser aclamado no dia 18 em que houve tempestade, era Dezembro. Foi aclamado no dia 19 e Gil Vicente bem documentou a cerimónia, celebrando nos seus versos, além do Rei, outros notáveis da época e da coroação em «S. Domingos».

Punha na fala do Conde de Penela, D. João de Vasconcelos e de Meneses, depois vedor da Fazenda, a oração:

«Senhora, nossa esperança, triumpho de nossa vida, nave de certa guarida, fiel de fina balança, nossa carreira sabida:
Ó sem mágoa concebida, redentora d'Israel, dae a El Rei Dom Manuel a gloria que nos foi havida per Gabriel» (3)

tanto mais curiosa quanto é certo que ele Gil Vicente fora fiel da balança, oficio que põe em Nossa Senhora.

^{(1) 22 -} VI - 203.

⁽²⁾ 33 — I — 4.

^{(3) 22 -} VI - 211.



«Isabel de Portugal» — 1487-1576 — Ticiano Museu do Prado, Madrid

		,

Os mapas da Moeda desse mesmo ano de 1521 bem mostram os esforços da Nação para abastecer a índia de homens e de dinheiro. Um dos capatazes é ainda Pedro Vicente. No mesmo ano regressou do Oriente Bastião Rodrigues, cavaleiro fidalgo que ali se celebrizou e veio a empregar-se na Casa da Moeda como escrivão e depois foi nela mestre ou juiz da balança.

O mapa dos vencimentos de 1521 apresenta (1):

«Diogo Rodrigues, mestre da balança, com 20\$000».

«Diogo Rodrigues, outro, ensaiador, meio guarda da fundição e abridor de cunhos, com 14\$864», onde se vê que são dois, o que nunca sucedeu com Gil Vicente, contemporâneo, em que nenhum documento o refere de forma a distingui-lo de qualquer homónimo. Inversamente, desde que aparece o segundo Diogo Rodrigues, na Moeda e fora dela, quase todos os documentos se esforçam denodadamente e de forma eficaz, a distinguir os dois homens.

Em 1523 teve Gil Vicente de prémio pelos seus trabalhos, mais uma mercê de 6\$000 réis (2). No mesmo ano morreu o primeiro Diogo Rodrigues, o abridor de cunhos, sucedendo-lhe Diogo Álvares, ourives do Infante D. Fernando, irmão de D. João III (3).

Continuava porém servindo de mestre da balança o segundo Diogo Rodrigues, o que sucedera a Gil Vicente, era ourives da Infanta D. Isabel, irmã também do Rei e que veio a casar com Carlos V.

Em 1523 Setembro 15, estava a corte em Tomar e lavrou-se um alvará de belo e «pitoresco sabor». As mulheres dos moedeiros podiam vender uvas na praça, habilitadas apenas com uma licença do alcaide da Casa da Moeda de Lisboa, ou seu substituto. Não teriam que pagar à Câmara: mealharya. Quem fez tal alvará foi o próprio alcaide da Moeda que estava em Tomar com o Rei, na sua qualidade de escrivão da Câmara do mesmo Rei (4). Era André Pires e ouçamos Gil Vicente acerca de outro alvará tido por falso:

«Damiam Diaz, ou alguem, lhe ouve elle o negro alvalá; Christovam Estevez tambem, ou quiçais sabe Deos quem, Andre Pirez nam seraa» (5).

^{(1) 1 ---} III --- 16.

^{(2) 16 --- 172,}

⁽³⁾ Sousa Viterbo, 2 - XVI.

⁽⁴⁾ 1 — II.

^{(5) 16 -- 290.}

Passando ao ano de 1524 encontramos uma tença de 12\$000 réis e dois prémios um de 4\$000 e outro de 6\$000 réis, os quais tudo o Rei dava em Évora a Gil Vicente, pois a corte estava ali com o seu actor e autor teatral (1).

Só nesse ano de 24 foram pagas as 1400 dobras do casamento de Garcia Moniz, antigo tesoureiro da Moeda que saíra dela com Gil Vicente, devido às acusações deste no «Auto do Inferno». Garcia Moniz tinha uma reforma e falecera, sendo então o célebre dote pago à viúva D. Genoveva (2).

Pela mesma época Rui Lopes que servia D. João III desde a menor idade deste (3) e era então do seu Conselho e vedor da sua Casa, teve uma grande actividade para descobrir minas, explorá-las e cunhar ceitis em Beja, fundando ali uma Casa da Moeda. Tinha por alcunha «o Pato», era natural de Beja e parece que nada conseguiu, como mineiro e moedeiro.

Por essa época (1498-1521) tinham aparecido em França livros para rabdomancia. O agente respectivo ou vedor segurava a vara da avelaneira, na busca de minas metálicas. Rui Lopes que era *veador* quis ser também *vedor*. Os termos veador, viador, vedor e vedor andaram sempre confundidos. Dizia dele Gil Vicente, no «Clérigo da Beira»:

«Do veedor he necessario saber a planeta sua. Sua planeta he a lua. o sino he sagitario com hua frecha da tabua. Tem folego como gato digo, vida perlogada; porem nam coma de pato senam soo hua talhada, inda que custe barato» (4).

Foi celebrado por Gil Vicente em alguns dos seus autos e também por Garcia de Resende no seu «Cancioneiro Geral», pois Rui Lopes é um dos seus poetas (5).

A tença de 12\$000 réis foi elevada para 20\$000, no ano de 1525,

^{(1) 16 -- 548.}

^{(2) 16 — 119} e 191.

^{(3) 25 —} I — 17.

^{(4) 16 — 206.}

⁽⁵⁾ 20 — 15 — 437.

acrescida ainda de 3 moios de trigo (1) que era a «moeda do Alentejo»; estavam em Évora, Gil Vicente sem ceitil e o vedor ainda não arranjara cobre para o ceitil.

Por esse tempo obteve ainda Gil Vicente o oficio de lingua da cidade de Ormuz (1) para o qual necessàriamente obteve conhecimentos e apontamentos de Bastião Rodrigues que ali permanecera, combatera e estudara no



Tu y el Arte

tempo de Afonso de Albuquerque, servira de intérprete em Ormuz e estava agora na Moeda, onde veio a ser mestre da balança.

Parece no entanto que Gil Vicente não chegou a partir para Ormuz, pois no ano seguinte vendeu o oficio a Francisco de Ponte (2).

Neste mesmo ano de 1525 o mestre da balança Diogo Rodrigues era nomeado afinador do ouro e fundidor da prata, com um sócio, mantendo a categoria particular de ourives da Infanta D. Isabel e mantendo ainda a confiança e amizade desta senhora; seguiram-se os desponsórios de D. Isabel com Carlos V e a Rainha viúva D. Leonor morreu no seu Paço de Sto. Elói, com 67 anos de idade e vários achaques. Constavam do testamento de D. Leonor, dois cálices, um feito por Gil Vicente, outro corrigido por ele (3).

D. Isabel casou em Março e em Sevilha, com 900 000 cruzados de

^{(1) 16 — 190, 522.}

^{(2) 16 — 522.}

^{(3) 16 --- 199.}

dote; seu primeiro filho foi Filipe II de Espanha, I de Portugal. Viveu em Toledo sem fausto e sempre com saudades de Portugal e da corte de seu pai e irmão (1).

Bastião Rodrigues passou a mestre ou juiz da balança em 1526 e dele diz Barros nas Décadas várias vezes: «que ora serve de juiz da Balança da Moeda» (2).

O «Templo de Apolo», comédia representada em 1526, lembra-nos mais uma vez o ourives e moedeiro:

«Y deviera de hazer de azero los barones, segun mis opiniones, y de plata la muger para hazella tostones» (3).

No mesmo ano de 1526 apareceu na Moeda um fornaceiro, logo guarda de fornaças, de nome Luís Guilhão, talvez espanhol que trouxe para



a mesma Moeda o termo gyleza que parece referir-se à espessura dos discos metálicos que saiem da obra do salvador (4). Há aqui uma analogia curiosa: gileza será espessura e Gil é o mesmo que egídeo, protegido com a égide, forte. Gilavento também é o lado do vento forte, o lado para onde sopra o vento.

«Felipe Guillen» ou Filipe Guilhão, boticário de Sevilha, tido como entendido e engenhoso veio para Portugal cerca de 1519. Gil Vicente dedicou-lhe uns versos de troça (5). Dado como impostor foi preso por denúncia de João Rodrigues (parece o escrivão da Moeda, com este nome).

⁽¹⁾ 20 - 14 - 36.

^{(2) 27 —} III — 205, etc.

^{(3) 16 - 203.}

⁽⁴⁾ Ordem aos capatazes de fornaça de 1526. Junho 14; 1 — II.

⁽⁵⁾ 3 — I.

Em 1538 foi o Guilhão desterrado para o Brasil, aqui apreciado pelos seus méritos, geólogo também no Brasil, em 1561 (1).

O capataz referido Luís Guilhão tem seu nome figurado nos documentos da Moeda como Guillen precisamente, bem como variantes até Guilhom ou Guilham, gylhom, gilhem, etc.

A Infanta D. Isabel casara com Carlos V como se disse e logo em 1527 pedia a seu irmão D. João III para lhe enviar a Castela o seu ourives Diogo Rodrigues, para acompanhá-la a Portugal (2).

Foi Diogo Rodrigues portanto dispensado temporàriamente da Moeda mas nunca conseguimos encontrar vestígios da vinda da Imperatriz a Portugal, pelo que não sabemos se cá veio. Enquanto ausente, foi Diogo Rodrigues substituído por um ensaiador, na Moeda. Voltou e retomou o serviço e teria morrido em 1528, talvez (2).

No mesmo ano de 27 representou-se a «Farsa dos Almocreves»:

«mandastes dar a hum cego hum real por endoenças.

na Pederneyra compradas daquelos mesmos dinheiros.

Ora eu recebi cem reaes em tres annos, contey bem, tenho aqui meo vintem» (3).

Em 1528 paga D. João III os autos a Gil Vicente, com outra tença de 20\$000 réis (4). André Pires, grande amigo do poeta, continua com os trabalhos náuticos e com a corte; é ele autor ou subscreve a maior parte dos alvarás e cartas régias destinadas à Moeda de Lisboa, na sua qualidade de escrivão interino da Câmara de El-Rei, alcaide e guarda-mor da mesma Moeda.

Nem todos evidentemente tinham a cultura e ciência dos Pires, dos Nunes, dos Faleiros e dos Resendes; aos impostores *chegava* Gil no «Auto da Feira»:

⁽¹⁾ 16 - 275.

⁽²⁾ 1 \rightarrow II.

⁽³⁾ 16 -239.

^{(4) 16 — 551.}

«E porque a estronomia anda agora muy maneyra, mal sabida e lisongeyra, eu aa honrra deste dia vos direy a verdadeira. muytos presumem saber as operações dos ceos e que morte ham de morrer,

E cada hum sabe o que monta nas estrelas que olhou, e ao moço que mandou nam lhe sabe tomar conta dum vintem que lhentregou» (1).

Cerca de 1530 nasceu outra filha a Gil Vicente, nomeada Valéria Borges (2).

No mesmo ano, as casas que tinham sido ocupadas por Gil Vicente na Moeda, e depois por Pedro Homem, também seu amigo, também poeta do Cancioneiro de Resende e também mestre da balança, eram agora ocupadas pelo Infante D. Fernando, irmão de D. João III. Pedro Homem teve assim 8\$000 réis anuais para alugar casas, além do seu mantimento ordenado (3).

Em 1530-31 foram Lisboa, Santarém e todo o Ribatejo sacudidos por violentos tremores de terra e em 1531 Janeiro 26, 5.º feira, 4 da madrugada, ruíram templos, palácios e mais de 1500 prédios urbanos de Lisboa (4).

O mestre da balança Bastião Rodrigues, estava em 1531 cheio de saudades do mar, pelo que voltou a embarcar, não já para a Índia mas para as Ilhas Terceiras que era como então se chamavam aos Açores, em serviço da respectiva armada que ali ia todos os anos esperar as que vinham da Índia. Manteve-se porém no quadro de funcionários da Moeda e recebendo por ela (5).

Em 1532 ainda Rui Lopes, o Pato, vedor do Rei, andava entretido com os preparos da lavra do cobre em Beja que não parece ter chegado a

^{(1) 21.}

^{(2) 16 -- 552.}

^{(3) 1 —} II.

^{(4) 27 —} I — XXV.

⁽⁵⁾ 1 — II.

fazer-se (1). A caminheira continua a figurar em todos os contratos dos carvoeiros com a Casa da Moeda, ao lado do sobro, cepa e cepas. O carvoeiro contratado, como os rendeiros (empregados na Casa), continua oficial da Moeda e número dos cento e quatro (2).

No ano de 35 regressou Bastião Rodrigues, à Moeda; havia fomes em Lisboa (3). A corte estava em Évora e aí Gil Vicente obtém do Rei os seus 8\$000 réis de vestearia (vestuário). Estava ele porém velho e doente, pelo que a sua vestiaria anual foi lançada no tesouro em seu nome e recebida «per seu filho belchior viçemte». Dois meses depois assinava Gil Vicente o recibo, para salvaguarda do tesoureiro. Recebeu em mercadoria como consta do recibo de 1535 Agosto 11 (4).

Em 1536 morria Garcia de Resende e sucedia-lhe efectivo no lugar de escrivão da Câmara do Rei: André Pires. Cerca do mesmo ano morria Gil Vicente em Évora e era sepultado em «S. Francisco» (5).

Não houve luto nacional que não era costume da época. O primeiro contrato de carvão desse ano de 1536 já não fala da caminheira e daí em diante igualmente; parece que morrera com Gil Vicente (6).

Bastião Rodrigues e Pedro Homem continuam mestres da balança, Diogo Rodrigues o sucessor de Gil Vicente, protegido da Infanta D. Isabel e valido da mesma D. Isabel Imperatriz, falecera talvez em 1528.

Em 1537 morria Pedro Vicente, muito velhinho e que julgamos parente próximo de Gil. Para lhe suceder, no lugar de capataz duma das cinco fornaças anuais de prata, foi apresentado ao fidalgo André Pires, escrivão da Fazenda, alcaide e guarda-mor da Moeda de Lisboa, bem como aos escrivães e mestres da balança da mesma Moeda, o moedeiro e fornaceiro da mesma, Diogo Alves, morador em Unhos (6).

Nos dois últimos anos já Diogo Alves trabalhava por Pedro Vicente impossibilitado pela idade e doença (6).

No ano de 39 e em Toledo falecia a Imperatriz D. Isabel de Portugal apenas com 36 anos de idade. Fora senhora de grande formosura que muitos cantaram, morreu desfigurada (7).

⁽¹⁾ Sousa Viterbo, 2 — II — 53.

^{(2) 1 —} II.

^{(3) 16 — 553} e 1 — II.

^{(4) 16 --- 523.}

^{(5) 16 --- 554.}

⁽⁶⁾ 1 - II.

^{(7) 20 --- 14 --- 36.}

Em 1549 falecia André Pires, Garcia de Resende seu colega e antecessor já lá ia em 1536 (1).

1557 Junho 11, sexta-feira, depois da meia noite, de súpita e grave doença, como escreveu Frei Luís de Sousa, falecia D. João III (2), que protegeu Gil Vicente até à hora da morte deste e depois muito facilitou a compilação de todalas obras, levada a cabo pelos filhos Paula Vicente e Luís Vicente, em 1562.

Camões não dirá uma palavra sobre Gil Vicente mas diz algo sobre os moedeiros e sobre as moedas:

Nos Anfitriões:

«Quando cuido que sois ouro, Acho-vos toda ceitis» (3).

No Seleuco:

«Senhor, não faz ao caso; que os erros por amores têm privilégio de moedeiro» (4).

Na carta de Ceuta, dedução de Hernâni Cidade:

 $\ll E$ se, todavia, quiser meter mais mãos na escudela, mande-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos».

«Metáfora tirada das moedas» (5).

Em carta da Índia:

«Depois que dessa terra me parti, como quem o fazia pera o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregão público: Por falsificadoras de moeda» (6).

Quem nos disse quem foi durante toda a sua vida, melhor que ninguém, foi o próprio Gil Vicente, nas obras.

Sobre a sua linguagem basta o que dizia Barros:

«E Gil Vicente, comico que a «linguagem portuguesa» mais tratou em compostura que algua pesoa destes reynos, nunca se atreveu a introduzir hu centurio português; por que, como o nâ consente a naçam, assy o nam sofre a linguagem» (7).

^{(1) 16 - 293.}

^{(2) 25 —} II — 309.

⁽³⁾ 28 - III - 9.

⁽⁴⁾ 28 - III - 84.

^{(5) 28 —} III — 225.

^{(6) 28 —} III — 243.

^{(7) 27—}I—XLV.

* * *

Muitos estudaram Gil Vicente com escasso material biográfico. Anselmo Braamcamp Freire a todos calou com uma compilação documental de grosso volume. Ainda assim, disse um autor contemporâneo que quase nada se sabe sobre Gil Vicente.

Pouco mais fizemos que extrair da nossa «História da Moeda» (Apontamentos), alguns dados relativos a um moedeiro, sem deixar de seguir Braamcamp Freire, evidentemente. Se alguma coisa acrescentámos foi para encenar o ambiente e mostrar a procedência dos moedeiros de quinhentos. O moedeiro categorizado provinha de ourives.

Ensaiamos agora um «romance».



Oficina de ourives do século XVI. «Tu y el Arte» — pág. 85, de Wilhelm Waetzoldt — Barcelona, 1955

Nesta estampa há luz e flores à janela. À esquerda o ferreiro junto à forja segura uma peça com a tenaz na mão esquerda e dá ao fole com a direita. Está vestido de burguês e em cabelo; é o dono da casa.

Em primeiro plano, à esquerda, um fornaceiro sentado numa tripeça

está ante um cepo com bloco, malhando um arriel que segura na sua mão esquerda; na direita está o martelo que vai malhar. Ainda no cepo se vê uma turquês de segurar os arriéis quando vêm quentes, e duas bitolas, uma cheia e outra anelar. No chão, encostado ao cepo, outro martelo.

À direita outro banco tripeça com bacia e vaso; no chão: pinça, fole e bacia com objectos metálicos e cizalhas.

No centro da oficina uma bancada de bela marcenaria, junto dela à esquerda um gravador sentado na sua tripeça, tem à frente o avental metálico de recolher cizalhas e ferramentas. Sobre a mesa um prato já salvado, moldado, e que ele está cinzelando e lavrando com um martelinho na mão direita e um troquel na esquerda. O outro o da direita que está encoberto será um salvador; a seguir um branqueador que está acabando outra salva. Sobre a bancada diversas ferramentas como um compasso. Na estantezinha, que tapa o salvador, copos e taças, uma das quais coberta.

Pendurados na parede, um alicate e umas tesouras, martelo, umas balanças, faca, lima e grosa. Sobre isto, na prateleira, dois vasos.

Vejamos agora a estampa dos moedeiros, da mesma época.

Ao fundo janela de vitrais, à direita porta de alta soleira para que uma moeda não role para fora. À esquerda forno de duas fornalhas, incapaz de fundir, conforme o «Regimento». À esquerda do forno, uma pinça ou tenaz. Tecto de vigas, chão de lajes.

A cena está viva e animada. À mesa está sentado um fidalgo idoso e de longas barbas, tesoureiro e feitor da Casa, admoestando o capataz da fornaça que de pé, junto dele, atónito e submisso, ouve o chefe e olha o pessoal.

O feitor entrara na ausência do capataz, sentara à sua mesa surpreendendo o pessoal: «de patrão fora». Chega o capataz que ouve o competente sermão; os empregados já trabalham e à maravilha. O mesmo feitor ensaiara na balança umas 50 moedas aprovadas, com outras tantas acabadas de fazer; eram quase todas febres, por isso que chama a atenção do capataz para o «Regimento» onde aponta com o indicador da sua mão direita, a respectiva ordenação; a mão esquerda dá realce à oração.

O capataz nem fala, olha os fornaceiros.

Na mesa vê-se um saquinho com cordão de franjas; dentro dele estão as amostras, as bitolas e os ponderais das moedas que se estão lavrando.

À esquerda, sentado à sua bancada, está o salvador aperfeiçoando. Sua tesoura tem uma haste cravada na mesa para que a força do ourives seja metade; bacia com discos prontos, tabuleiro com cizalhas e alcofa com

discos a aperfeiçoar. Na mesa, alguns discos rejeitados para abater no contador e entregar ao capataz, separadamente das cizalhas.

No centro, um fornaceiro sentado junto a um cepo, com um bloco ou tais, estende um arriel para obter chapa a entregar ao salvador.



Casa da fornaça da prata (ano de 1500) — «A História do Dinheiro», de A. H. Quiggin — Liv. Civilização — 1958. Pág. 4

À direita o cunhador e guarda do cunho, sentado numa tripeça, junto ao cepo com pilha, segura o troquel na mão esquerda e vai martelar com a direita. O troquel está esbotenado superiormente, do uso. Entre a pilha e o troquel está uma moeda para cunhar em dinheiro. Um aprendiz tem na mão outra moeda para dar ao cunhador e ser feita em dinheiro. Sobre o cepo

estão alguns dinheiros rachados e mal cunhados, para serem cortados pelo mestre da balança e juntar à cizalha branca. No chão, a ceira das moedas prontas a branquear e mais à esquerda o cofre dos cunhos, de duas chaves, uma ao cuidado do guarda do cunho e outra à guarda do tesoureiro e feitor.

* *

Podemos agora ver Gil Vicente erguendo a sua custódia que ficou para Nossa Senhora de Belém. Estamos a vê-lo à mesa da balança da Casa



«Mulher pesando oiro» — Jan Vermeer National Gallery of Art, Washington

do Despacho da Moeda, fazendo tabelas ou pesando o ouro que veio da Casa da Mina, procedente da Mina, navio São Miguel, e vai ser feito em cruzados.

Podemos ainda vê-lo a fazer os autos a El-Rei:

«E hum Gil... hū Gil... hum Gil...
que maa retentiva ey!
hum Gil... já não direy;
hum que nam tem nem ceitil,
que faz os aytos a el Rey.
......
todo bem se vay oo fundo;
o dinheyro anda acossado
e o prazer vagabundo» (1).

Gil Vicente era um só, Diogo Rodrigues eram dois e Diogo do Couto eram nada menos de três, havendo que acrescentar aos dois de nomeada: Diogo do Couto, comprador da Casa da Moeda de Lisboa, que fora criado do Conde de Vila Nova (de Portimão) e capataz de fornaças de ceitis, de 1517 a 1524.

Gil Vicente era só um que segundo Menendez y Pelayo «no tiene quien le aventaje en la Europa de su tiempo» (2).

BIBLIOGRAFIA

- 1 Casa da Moeda e Papel Sellado Apontamentos para a História da Moeda em Portugal — Lisboa, 1878. Três partes.
- 2 Diversos autores O Archeologo Português Lisboa, 30 volumes.
- 3 A. Fontoura da Costa A Marinharia dos Descobrimentos 3.ª edição, 1960.
- 4 Livros diversos Chancelaria de D. Afonso V Tombo.
- 5 A. C. Teixeira de Aragão Descripção Geral, etc. Lisboa, 1874-80.
- 6 Ferraro Vaz Numária Medieval Portuguesa 2 volumes, 1960-61.
- 7 Alvaro Velho Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama por A. F. da Costa — Lisboa, 1960.
- 8 Joaquim Figanier História de Santa Cruz do Cabo de Gué Lisboa, 1945.
- 9 Artur Basilio de Sá Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Insulindia Lisboa, 5 volumes, 1954 a 58.
- 10 Berta Leite D. Gonçalo da Silveira Lisboa, 1946.
- 11 Prof. Luciano Ribeiro Registo da Casa da Índia 2 volumes Lisboa, 1954-55.
- 12 Frei António Brandão Crónica de D. Afonso Henriques Livraria Civilização, Porto, 1945.

^{(1) 16 --- 182.}

^{(2) 32 -- 350.}

- 13 Frei António Brandão Crónica de D. Sancho I e D. Afonso II Liv. Civilização, Porto, 1945.
- 14 Frei António Brandão Crónica de D. Sancho II e D. Afonso III Liv. Civilização, Porto, 1945.
- 15 Fernão Lopes Crónica de D. João I Liv. Civilização, 2 volumes, Porto, 1945.
- 16 Anselmo Braamcamp Freire Vida e Obras de Gil Vicente Lisboa, 1944, 2.ª edição.
- 17 D. Jerónimo Osório Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel, de Liv. Civilização, Porto, 1944, 2 volumes.
- 18 Afonso de Albuquerque Cartas para El-Rei D. Manuel I. Trabalho de António Baião — Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1942.
- 19 A. C. Teixeira de Aragão Vasco da Gama e a Vidigueira Lisboa, 1898.
- 20 Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira Lisboa, 40 volumes.
- 21 Gil Vicente Obras de Devoção Livro I (transcrições).
- 22 Gil Vicente Obras Completas 6 volumes, Liv. Sá da Costa, 1942-44 Trabalho do Prof. Marques Braga.
- 23 Lello Universal 2 volumes, Porto, 1940.
- 24 Diogo do Couto O Soldado Prático Trabalho do Prof. M. Rodrigues Lapa; Liv. Sá da Costa, 1937.
- 25 Fr. Luís de Sousa Anais de D. João III Trabalho do Prof. M. Rodrigues Lapa;
 2 volumes, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1938.
- 26 António Galvão Tratado dos Descobrimentos Liv. Civilização, Porto, 1944.
- 27 João de Barros Décadas Trabalho de António Baião, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1945-46. 4 volumes.
- 28 Luís de Camões Obras completas Trabalho do Prof. Hernâni Cidade, 5 volumes, Liv. Sá da Costa, Lisboa, 1946-47.
- 29 Sant'Anna Dionisio Museu-Biblioteca de Vila Viçosa, Lisboa, 1947.
- 30 Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo Elucidário das palavras, termos e frases, etc. Trabalho de Mário Fiúza, Liv. Civilização, Porto, 1962.
- 31 Dicionário de Morais.
- 32 Diário de Noticias Almanaque, 1962.
- 33 Fernão Mendes Pinto Peregrinação e Outras Obras Vol. I, Liv. Sá da Costa, 1961. Trabalho de António José Saraiva.

NOTAS DE PÉ:

- a) O primeiro número refere o número da obra constante da relação bibliográfica acima.
 - b) O segundo número refere o volume quando há mais de um, ou
 - c) O último número refere o número da página.
 - d) Quando se cita ainda o autor é porque na obra há vários autores.
 - Assim: Sousa Viterbo, 2 XIX, dá o autor, a obra e o volume.